



## INDICADORES EMOCIONAIS NO DESENHO DA FIGURA HUMANA DE CRIANÇAS COM PROBLEMAS COMPORTAMENTAIS

**Tayná Ribeiro de Andrade <sup>(1)</sup>; Rosana Maria Mohallem Martins <sup>(2)</sup>**

<sup>1</sup>Acadêmica de psicologia do 6º período do Centro Universitário - FEPI - tata-ribeiro@livecom;

<sup>2</sup>Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário de Itajubá - FEPI, Doutora em Avaliação Psicológica - rosanamohallem@gmail.com.

---

### RESUMO

O presente artigo vai relatar o projeto de pesquisa que tem como objetivo examinar a presença de indicadores emocionais no Desenho da Figura Humana, utilizando o sistema Koppitz (1973), em crianças com e sem problemas comportamentais. Serão avaliadas cinquenta crianças com idades entre 7 a 9 anos, sendo vinte e cinco crianças com queixas e vinte e cinco sem queixa de problemas comportamentais. Os dados serão analisados por meio da comparação dos dois grupos, sendo esperado a presença dos indicadores emocionais apenas no grupo de crianças com problemas comportamentais. O uso do Desenho da Figura Humana pode ser uma técnica opcional para avaliar o estado psicológico das crianças, sendo útil já que é uma atividade lúdica e que motiva a criança a realizar. Distorções no Desenho da Figura Humana são consideradas indicadores de problemas emocionais. Segundo do sistema Koppitz a presença de dois ou mais indicadores emocionais entre os 30 é sugestivo para possíveis desajustes emocionais na criança. Esta pesquisa se faz necessária por contribuir para novos estudos de evidências de validade para o Sistema de Avaliação do Desenho da Figura Humana de Koppitz (1973), permitindo a ampliação dos instrumentos para a avaliação psicológica infantil.

Palavras-chave: avaliação psicológica; indicadores emocionais; Koppitz; problemas comportamentais; Desenho da Figura Humana.

---

### INTRODUÇÃO

Nas pesquisas acadêmicas na área de psicologia o desenho é visto não só como uma forma de comunicação, tendo surgido antes mesmo da escrita, mas como uma técnica. Embora essa ideia de interpretar desenhos infantis não seja recente o reconhecimento da validade não tem sido simples, sendo que ainda hoje não está completamente aceita (WECHSLER; NAKANO, 2012).

Conrado Ricci (1877), um precursor da interpretação dos desenhos se interessou pela singularidade do desenho ao se abrigar em um lugar coberto por conta de uma chuva e notar rabiscos na parede que lhe parecia ser obras de alguma criança. Ele estudou os estágios de evolução do desenho da figura humana se detendo nos aspectos estéticos e suas relações com a arte

primitiva. Porém, Ricci não foi o único na sua época, Ebenezer Cooke (1885) também iniciou estudos sobre esse tema.

O interesse da psicologia pelos desenhos acompanhou o movimento sociocultural que se iniciava com o filósofo e educador francês Jean Jacques Rousseau, ele mudou o olhar a respeito da infância, passando de habilidades imperfeitas e inferiores a dos adultos para uma etapa distinta e importante para o desenvolvimento humano, com isso despertou interesse dos desenhos nos trabalhos científicos

Porém, o ápice desse interesse científico nos desenhos ocorreu nos anos de 1900 e 1915, durante esses anos ocorreram duas grandes pesquisas voltadas a esse tema. Lamprecht (1906) realizou uma das mais vastas pesquisas sobre o desenho da criança, ele propôs uma coleta de desenhos de crianças de todas as partes do mundo

para análise e compreensão para verificar as diferenças, por ser uma pesquisa muito ambiciosa nunca foi finalizada, porém deixou claro para ele que o desenvolvimento do indivíduo reproduz de uma maneira geral, tanto no aspecto físico como psíquico. A segunda pesquisa foi coordenada por Claparede em 1907 que propôs um estudo minucioso acerca das relações entre desenho e habilidade intelectual infantil. Ambas as pesquisas estimularam a análise e compreensão dos desenhos das crianças.

Em direção a compreensão sobre algo que faz parte do dia a dia da criança várias pesquisas se iniciaram, inúmeras técnicas gráficas para avaliação psicológica foram desenvolvidas e testadas, como por exemplo, House-Tree-Person (HTP) (BUCK, 2003; HAMMER, 1991; LOUREIRO; ROMARO, 1987), o Desenho da Família (ORTEGA; SANTOS, 1987; THARINGER; STARK, 1990; TRINCA, GENTA, ANDREIS; LASS, 1991), o desenho da Árvore (TOREM; GILBERTSON; LIGHT, 1990), o Desenho do Professor (FONSECA; ALVES, 1999) e o Desenho da Figura Humana (KOPPITZ, 1984; MACHOVER, 1949).

Dentre as citadas o Desenho da Figura Humana é a mais utilizada entre a prática avaliativa dos psicólogos, ela possui uma rápida aplicação e levantamento de resultados, é um instrumento abrangente, simples, de baixo custo, além de ser mais acessível para utilização com crianças já que não necessita de resposta verbal, é também possível realizar pesquisas considerando as mais diversas culturas sem a necessidade de tradução ou adaptação nas instruções.

Ressalta-se, porém não haver concordância entre os profissionais que utilizam o DFH em relação à correção. Na busca de critérios de avaliação adequados, diversos sistemas de interpretação foram desenvolvidos. Entre eles, podem-se distinguir três grandes vertentes: (1) os sistemas que analisam o desenho como medida de avaliação do desenvolvimento cognitivo infantil, como o de Goodenough, o de Koppitz; (2) os sistemas que analisam o desenho como medida projetiva, ou seja, como expressão de aspectos inconscientes da personalidade, dentre os quais se destaca o de Machover (3) os sistemas que propõem uma análise dos aspectos emocionais, não a partir de uma interpretação projetiva e, sim, de uma análise empírica, como os trabalhos de Koppitz.

Tendo em vista as semelhanças entre os vários sistemas de avaliação intelectual do desenho da figura humana e as ligações entre seus resultados podem considerar que são equivalentes, permitindo o uso de qualquer um deles. Porém os que estão

aprovados pelo Conselho Federal de Psicologia estão apenas o DFH III e o DFH - sistema Sisto.

Na avaliação dos aspectos cognitivos, o desenho é entendido como a expressão de aspectos desenvolvimentais pode-se observar no desenho da criança fases típicas. Mesmo existindo controvérsias sobre as fases a respeito das diferenças e sobre a linearidade dos processos, a maioria dos autores as reconhece.

De uma maneira geral a criança com 1 ano de idade é capaz de rabiscar, essa capacidade é aprimorada e passará gradativamente para as etapas das garatujas com início aos 2 anos, pela etapa pré- esquemática, esquemática, etapa do realismo, pseudorealismo, e por último, período de decisão terminado aproximadamente aos 17 anos de idade. Vale ressaltar que partir da fase pseudorealismo o desenho não pode ser utilizado como uma forma de avaliação dos aspectos desenvolvimentais.

Os primeiros desenhos com intenção de representar a figura humana surgem aproximadamente 3 anos, porém é expresso no que se chama formato girino (uma única linha que envolve uma área circular, colocando sobre ela duas linhas indicando as pernas). Com 5 anos de idade já é desenhado um tronco distinto da cabeça, desenhando não somente braços e pernas, mas também mãos e pés. Por volta dos 12 anos vai aparecendo mais detalhes nesta figura, figura essa que é citada como um dos temas mais escolhidos até aproximadamente 10 anos de idade.

Florence Goodenough com o objetivo de organizar esse conhecimento em um sistema de avaliação dos desenhos infantil, em 1926 criou um teste que ela o chamava de teste de inteligência, baseado na capacidade da criança de desenhar um homem. Para ela a criança desenhava não só o que vê, mas também aquilo que sabe.

Em 1963 o seu trabalho foi revisado e ampliado por Dale Harris passando a se chamar "Desenho do Homem" em vez de " Teste de Inteligência" e utilizado para indicar a maturidade intelectual e não a inteligência. Segundo Harris o desenho não poder ser utilizado para medir inteligência e sim como medida de maturidade intelectual, pois a criança expressa seu conceito de ser humano e sua compreensão das características do mesmo. Propôs também que além do desenho do homem fosse desenhada a figura da mulher sendo diferente a forma de avaliar o desenho.

Em 1968 Elizabeth Koppitz iniciou o desenvolvimento de outro sistema de avaliação do desenho baseada na teoria de Harry Stack Sullivan. Koppitz partir disso foi desenvolveu a avaliação do nível de maturação mental, podendo

detectar distúrbios emocionais. Koppitz também apresentou estudos sistemáticos sobre os aspectos desenvolvimentais surgindo um sistema quantitativo-objetivo de avaliação do DFH, permitindo uma verificação da frequência de itens esperados, comuns, incomuns ou excepcionais para cada faixa etária.

No contexto da avaliação psicológica o Desenho da Figura Humana se mostra eficaz para avaliar questões emocionais amplas, principalmente na intervenção com crianças. Por ser uma atividade lúdica e que não precisa necessariamente da fala verbal, permite à criança a expressão livre e não controlada das emoções que permeiam seus comportamentos.

Para regulamentação dos instrumentos de avaliação psicológica, em 2003 o Conselho Federal de Psicologia publicou uma resolução (Resolução 002/2003), na qual o psicólogo só poderá usar um instrumento na sua atividade profissional se o mesmo estiver aprovado pela comissão avaliadora do CFP, exceto para realização de pesquisas. Atualmente no Brasil, os sistemas de correção do DFH, padronizados e reconhecidos perante o Conselho Federal de Psicologia (CFP), são a escala Sisto utilizado em crianças de 5 a 10 anos de idade (SISTO, 2005) e o DFH III utilizado em crianças de 5 a 12 anos de idade proposto por Wechsler (2003), ambos avaliam o desenvolvimento cognitivo.

Não há no momento estudos atualizados para sistemas de avaliação que consideram os indicadores emocionais e, neste sentido esta pesquisa vem contribuir com outros já existentes para preencher esta lacuna para que futuramente possa ser considerado favorável pelo Sistema de Avaliação de testes Psicológicos do Conselho Federal de Psicologia. É responsabilidade do psicólogo a utilização adequada das técnicas de avaliação e responsabilidade dos profissionais que se interessam e trabalham com pesquisas a atualização do conhecimento científico acerca dos instrumentos para benefícios de todos.

Levando em consideração a necessidade de pesquisas de atualização, este projeto tem como seus objetivos examinar os indicadores emocionais no Desenho da Figura Humana, utilizando o sistema Koppitz, em crianças com e sem problemas comportamentais, comparar os desenhos dos dois grupos em relação à presença dos indicadores emocionais de Koppitz (1973) e contribuir para novos estudos de evidências de validade para o Sistema de Avaliação do Desenho da Figura Humana de Koppitz (1973).

### **MATERIAL E MÉTODOS**

Serão 50 participantes pertencentes a dois grupos: Grupo clínico, cujo serão utilizados prontuários de crianças que foram ou estão sendo atendidas em uma Clínica-Escola de Psicologia. Grupo não clínico, composto por 25 crianças cujos participantes não poderão estar fazendo nenhum atendimento psicológico e não apresentar distúrbios de conduta. O sexo de ambas os grupos serão escolhidos aleatoriamente com idade de 7 a 9 anos.

Existem preocupações éticas decorrentes das pesquisas com seres humanos e, especificamente, das pesquisas com crianças e adolescentes. Para a realização da pesquisa, buscou-se cumprir as orientações do CFP referentes aos aspectos éticos na pesquisa com crianças e adolescentes. A primeira delas refere-se ao risco que o estudo acarreta para o participante, sobre a realização de pesquisa em psicologia com seres humanos (Resolução do CFP no 016/2000, 2000), uma vez que trabalha com técnicas que podem gerar ansiedade, na realização desenho da figura humana.

A fim de minimizar eventuais sentimentos de ansiedade, será realizado um rapport com a criança. Neste rapport será destacada a inexistência de respostas certas e erradas, realizando no seu tempo e sobre o sigilo, a fim de que o participante se sentisse à vontade para a aplicação do instrumento, estabelecendo uma relação de confiança com a pesquisadora.

O segundo ponto de atenção das pesquisas com crianças e adolescentes refere-se ao consentimento livre e esclarecido que será enviado aos pai ou responsáveis pela criança, para que o mesmo autorize a sua participação.

Por fim, deve ser destacado na pesquisa com crianças e adolescentes a importância da devolução dos resultados. Na pesquisa, uma vez que não foram realizadas análises baseadas em cada caso, sendo as informações tratadas em conjunto, não serão dadas devoluções individuais dos resultados. Os resultados serão comunicados a instituição da qual as crianças fazem parte, sendo que em nenhum momento compreenderá resultados individuais dos participantes.

O instrumento utilizado é o Desenho da Figura Humana – Sistema de Avaliação de Koppitz (1973). As crianças serão solicitadas a fazerem um desenho de uma pessoa com o corpo inteiro, utilizando um lápis, borracha e uma folha de papel em branco.

Na coleta de dados das crianças de uma escola pública (grupo não clínico) será solicitado para a professora (o) que indique as crianças que não

apresentam alterações comportamentais. Após a indicação da professora será enviado para os pais ou responsáveis um termo de consentimento livre e esclarecido, seguindo as preocupações éticas citadas acima, e só após o consentimento do responsável que será realizada a aplicação. Se a criança desenhar mais de um desenho, somente o primeiro será avaliado segundo 30 indicadores emocionais propostos por Koppitz (1973) listados abaixo:

1. Integração insatisfatória das partes da figura: uma ou mais partes não conectadas com o resto da figura; Parte meramente tocando ou conectada somente através de uma simples linha (meninos 7-12; meninas 6-12 anos);
  2. Sombreamento no rosto: deliberado sombreamento do rosto ou de parte dele, incluindo sardas, manchas ou marcas de sarampo etc. Um leve sombreamento uniforme do rosto e das mãos, para indicar cor da pele, de um modo não defensivo, não é avaliado;
  3. Sombreamento do corpo e/ou membros (Meninos 9-12; meninas 8-12 anos);
  4. Sombreamento das mãos e/ou pescoço (Meninos 9-12; meninas 8-12 anos);
  5. Assimetria grosseira dos membros: um braço ou uma perna difere marcadamente, na forma, de outro braço ou perna. O item é avaliado quando braços e pernas são semelhantes na forma, porém desiguais no tamanho;
  6. Figura inclinada: o eixo vertical da figura está inclinado, em 15° ou mais, em relação à perpendicular;
  7. Figura pequena ou delgada: 5 cm de altura ou menos;
  8. Figura grande: 23 cm ou mais (meninos 9-12 e meninas 8-12 anos) ;
  9. Transparência envolvendo as principais partes do corpo ou membros. Linha do chapéu através da cabeça ou dos braços, cruzando o corpo, não é válida;
  10. Cabeça pequena: tamanho da cabeça menor que 1/10 da figura;
  11. Olhos cruzados ou opostos: ambos os olhos virados para dentro ou para fora. Um olhar de relance para o lado não é avaliado;
  12. Dentes: qualquer representação de um ou mais dentes;
  13. Braços curtos: pequeno toco como braço; Braços não suficientemente longos para alcançar a cintura;
  14. Braços compridos: braços excessivamente longos; Braços tão longos que alcançam abaixo dos joelhos, ou onde os joelhos deveriam estar;
  15. Braços agarrados ao corpo: nenhum espaço entre o corpo e os braços;
  16. Mãos grandes: tão grandes quanto o resto da figura;
  17. Mãos cortadas: braços sem as mãos e sem os dedos. Mãos escondidas atrás das costas ou em bolsos não são avaliadas;
  18. Pernas fechadas ou apertadas uma contra a outra: ambas as pernas sem nenhum espaço entre si; No desenho de perfil, somente uma perna;
  19. Genitais: representação realística, ou evidentemente simbólica, dos genitais;
  20. Figura monstruosa ou grotesca: deliberada representação não humana, figura ridícula ou degradada (palhaço, vagabundo, diabo, monstro). Figuras confusas ou imaturas, resultantes da falta de habilidade para o desenho, não são avaliadas;
  21. Três ou mais figuras espontaneamente desenhadas: várias figuras não inter-relacionadas, ou não engajadas em atividades de significado; Desenho repetitivo de figuras, quando somente uma figura foi solicitada. O desenho de um menino e uma menina, da família ou de um homem e uma mulher não são avaliados;
  22. Nuvens: qualquer representação de nuvem, neve ou pássaros voando.
- Omissões de:
23. Olhos: completa ausência dos olhos - olhos fechados ou círculos vazios como olhos não são avaliados;
  24. Nariz: meninos 6-12; meninas 5-12 anos;
  25. Boca;
  26. Tronco;
  27. Braços: meninos 6-12; meninas 5-12 anos;
  28. Pernas: não se avaliam, se as pernas estiverem cobertas por saia comprida;
  29. Pés: meninos 9-12 anos; meninas 7-12 anos;
  30. Pescoço: meninos 10-12; meninas 9-12 anos.
- Estes indicadores estão divididos em três tipos de sinais:
- Sinais qualitativos do DFH (itens 1 a 9) ;
- Sinais especiais, raros nos DFH de crianças (itens 10 a 22) ;
- omissões de partes do corpo, que seriam esperadas nos DFH de crianças, conforme o nível de idade (itens 23 a 30).

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

É esperado encontrar diferenças no Desenho da Figura Humana de crianças com problemas comportamentais, conforme os indicadores da Koppitz em relação ao Desenho da Figura Humana de crianças sem problemas comportamentais, entretanto não há resultados até o momento, pois o projeto está em desenvolvimento.

### CONCLUSÕES



## VII CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA FEPI

Pesquisa Científica, Oportunidades e Desafios.

Instituto de psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2006.

O Desenho da Figura Humana é, sem dúvida, uma das mais difundidas técnicas de avaliação psicológica (ANASTASI & URBINA, 2000). O DFH também se mostra eficaz, devido à sua abrangência, simplicidade, aparente objetividade e baixo custo, o DFH foi então rapidamente incorporado ao arsenal de técnicas utilizadas por psicólogos brasileiros.

Os dados que serão obtidos nesta pesquisa dará uma contribuição em relação à compreensão do Desenho da Figura Humana, destacando que ainda a necessidade de novos estudos de validação a fim de contribuir com estudos já existentes.

### AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem o Centro Universitário de Itajubá-FEPI pela bolsa de Iniciação Científica/Extensão e Monitoria oferecida para a primeira autora.

### REFERÊNCIAS

KASTRO, E. K.; JIMÉNEZ, B. M. **Indicadores emocionais no desenho da figura humana de crianças transplantadas de órgãos, Avaliação psicológica**. Porto Alegre, v.23, n.1, Jan. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_artt\\_ext&pid=S0102-79722010000100009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artt_ext&pid=S0102-79722010000100009)>. Data de acesso: 24 mar. 2016

SAKASHITA, M. S. et. al. **O desenho da figura humana, segundo a escala de Koppitz em crianças com hábitos orais deletérios**. Grupo Editorial Moreira Jr. São Paulo, p. 289-293, 2016.

SILVA, R. B. F., PASA, A., CASTOLDI, D. R., SPESSATTO, F. **O desenho da figura humana e seu uso na avaliação psicológica**. Curitiba, v. 28, n. 60, p. 55-64, jan. /mar. 2010. Disponível em: <<file:///C:/Users/011872/Downloads/pa-3510.pdf>> Data de Acesso: 15 abril. 2016.

WECHSLER, S.M.; NAKANO, T. C. **Desenho infantil: forma de expressão cognitiva, criativa e emocional**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

XAVIER, A. **Indicadores emocionais do desenho da figura humana: construção e validação de uma escala**. Tese (Doutorado em Psicologia).